

# ANÁLISE SEMÂNTICA: HOMONÍMIA E POLISSEMIA NO CONTO EDGAR ALLAN POE

Semantic Analysis: Homonymy and Polysemy in Edgar Allan Poe's Short Stories

Suzany Alves Pereira<sup>1</sup>; Damião Francisco Boucher<sup>2</sup>; Thiago Barbosa Soares<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil, [suzany.alves@mail.uft.edu.br](mailto:suzany.alves@mail.uft.edu.br)

<sup>2</sup>Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil, [boucherplace@gmail.com](mailto:boucherplace@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, TO, Brasil, [thiago.soares@mail.uft.edu.br](mailto:thiago.soares@mail.uft.edu.br)

Data do recebimento: 08/05/2025 - Data do aceite: 03/06/2025

**RESUMO:** Este artigo busca analisar as propriedades semânticas da metáfora e ambiguidade/polissemia, tendo como base o conto **O Retrato Oval** (uma tradução de *The Oval Portrait*), de autoria do escritor norte-americano Edgar Allan Poe. Para tanto, para nosso percurso metodológico, traçamos uma abordagem qualitativa, com base bibliográfica de caráter explicativo. Com a realização da análise semântica, pretendemos verificar como as mencionadas propriedades semânticas podem ser relevantes para a compreensão e interpretação adequada dos textos, não apenas literários, como o conto, mas nos mais diversificados gêneros textuais. Em contrapartida, objetivamos ainda apontar, de forma ensaística e secundária, as prováveis lacunas significativas e as possíveis limitações de sentidos quando prescramos uma materialidade literária a partir de sua estrutura linguística, sem considerar o campo pragmático e referencial. Em suma, consideramos as particularidades para além da escrita, levando-nos a entender como as palavras e estruturas linguísticas são utilizadas, não só para transmitir informações, mas também para estabelecer uma ordem referencial na qual os personagens de um conto, em certa medida, refletem e retratam o funcionamento social. Por fim, ao sopesar nosso percurso analítico, compreendemos como esse estudo pode ser considerado relevante no sentido de servir como norteador para pesquisas futuras, assim como base para a elaboração de sequências didáticas de Língua Portuguesa, independentemente, do gênero textual.

**Palavras-chave:** Propriedades semânticas. Conto. Edgar Allan Poe.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze the semantic properties of metaphor and ambiguity/polysemy, based on the short story *The Oval Portrait*, by the American author Edgar Allan Poe. To this end, the methodology follows a qualitative, explanatory bibliographic design. Through this semantic analysis, the aim of this study was to verify how these semantic properties are relevant for the proper understanding and interpretation of texts—not only literary ones, such as the short story, but across diverse textual genres. On the other hand, the study also aims to point out, in an essayistic and secondary way, the likely significant gaps and possible limitations of meanings when scrutinizing literary materiality from its linguistic structure, without considering the pragmatic and referential field. In short, particularities beyond writing are considered, leading to an understanding of how words and linguistic structures are used not only to transmit information but also to establish a referential order in which characters, to some extent, reflect and portray social functioning. Finally, this analytical trajectory demonstrates how the study is relevant as a guide for future research and as a basis for developing Portuguese language teaching sequences, regardless of the textual genre.

**Keywords:** Semantic properties. Tale. Edgar Allan Poe.

## Introdução

A Semântica é o estudo do significado das expressões das línguas naturais (Henriques, 2011, p. 3). Segundo o autor, essa área do conhecimento linguístico se preocupa com o sentido, e todos os dias praticamos semântica, uma vez que sempre estamos buscando entender os significados de palavras e frases. Diante disso, a proposta desta pesquisa é analisar semanticamente o conto *O Retrato Oval* (1842), do autor inglês Edgar Allan Poe, observando as sentenças, ora fora de sua circunstancialidade narrativa, como recortes enunciativos, ora considerando-a dentro da abordagem semântica referencial, mas se atendo sempre às questões semânticas, o que não nos permite enxergar outras riquezas de sentidos possíveis em sua narrativa, uma vez que suas obras refletem e retratam um pouco das mazelas e dos sofrimentos experienciados

por Poe, o que não minimiza a genialidade e erudição com que Poe criou suas obras. Nas palavras de Ramos (2015):

Edgar Allan Poe nasceu em Boston, Estados Unidos, em 19 de janeiro de 1809. Filho de David Poe e Elizabeth Arnold, atores de teatro, ficou órfão de mãe e foi abandonado por seu pai. Nunca foi formalmente adotado, porém, foi acolhido por uma família bem-posicionada financeiramente, em Baltimore, na Virgínia, que lhe proporcionou uma educação de qualidade, com os melhores professores da época. Poe ingressou na Universidade de Virgínia, destacando-se no estudo de Línguas Românticas, mas possuía comportamento inquieto e indisciplinado, passando a maioria desta época envolvido com mulheres e bebidas. Demonstrou interesse desde muito cedo pela literatura; sua carreira de escritor começou pouco após abandonar a Universidade, com a

publicação de uma coleção anônima de poemas, que recebeu o nome de “Tomerlane and Other Poems”, em 1827. (Ramos, 2015, n.p)

Conforme o exposto, nota-se que a vida do referido autor foi um tanto hostil, uma vez que, segundo Ramos ele era viciado em bebidas, foi expulso da carreira militar, perdeu a mesada do tutor, foi morar com sua tia, casou-se com sua prima de apenas 13 anos, perdeu o emprego, a esposa, passou por diversas dificuldades e o seu problema com álcool piorou em decorrência da morte de sua esposa.

Dessa maneira, Edgar Allan Poe é considerado um dos precursores da literatura de ficção, do conto de terror, da história policial e, por esta razão, compreende-se sua relevância na literatura geral e de toda língua inglesa, uma vez que influenciou muitos autores com suas obras. Sublinhamos que o fato de se tratar de um conto não diminui sua riqueza interpretativa, ou seja, o surgimento da ficção curta destaca-se, uma vez que, ao mesmo tempo, em que sinalizava a originalidade do autor, confirmava uma tendência que estava se esboçando no mercado editorial norte-americano (Bellin, 2011).

No conto *O Retrato Oval*, que aqui se trata de uma obra traduzida de seu idioma original, inglês, o autor em evidência retrata a história de um homem gravemente ferido, que, para não pernoitar ao sereno, pede ao seu criado para romper a porta de um castelo. Ao adentrar no recinto esse homem fica deslumbrado com as diversas pinturas penduradas por todas as paredes, entretanto, o retrato de uma jovem, em específico, é o que mais lhe cativa, assim ele pega um livro em que se encontram todas as histórias dos referentes quadros expostos.

No livro é encontrada a história real do quadro oval, a qual despertou tamanho interesse, por parte de todos que a conhecem, por

retratar a vida de um pintor que sentiu a vontade de pincelar a esposa, a qual não negou o pedido. Ao começar retratar sua amada como uma obra de arte, o pintor ficou extremamente isolado, isto é, nada mais lhe importava naquele momento além da finalização da obra. Ao fim das últimas pinceladas, o pintor entrou em estado de transe, contemplando durante alguns instantes o seu feito. Ao olhar para sua amada notou que ela estava morta - a pintura custou até seu último suspiro.

Nesse sentido, os elementos linguísticos existentes no conto supracitado e por ser “[...] carregado de um viés psicológico um tanto sombrio [...]” (Losano, 2013, p. 33) é que consideramos ser fundamental o desenvolvimento de uma discussão teórica no campo da Semântica, a fim de elencar os mais diversos significados depreendidos a partir de uma análise semântica mais aprofundada das sentenças, o que compromete as várias significações provenientes de outras perspectivas, mas que nos possibilita, em contrapartida, observar a produção criativa do autor. Por essa razão, escolhemos a abordagem semântica, focando nas estruturas sintático-semânticas para depreendermos como o autor, em suas escolhas lexicais coloca em funcionamento propriedades semânticas como as metáforas, as metonímias a polissemia e a ambiguidade, as quais nos possibilita compreender o processo e o funcionamento da Língua enquanto ferramenta artística. Logo, trabalhar o conto *O Retrato Oval* como objeto de estudo linguístico-semântico justifica-se em virtude da Semântica nos possibilitar seu estudo, não somente como a interpretação de um sistema abstrato, mas também como um sistema que interage com outros sistemas no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos (Cançado, 2008, p. 19).

Cançado (2008) ainda afirma que nem sempre o sistema linguístico será o responsável pelo significado; o significado vai além

do sentido que é dito. Nesse sentido, o referente, ou melhor, as circunstâncias nas quais as expressões pretendem representar podem reclamar outros significados. Ela afirma que uma das tarefas da Semântica é explicar as relações sistemáticas entre palavras e sentenças de uma língua que o falante é capaz de fazer. A mesma autora traz uma série de propriedades semânticas presentes em seu livro, das quais destacamos a metáfora e a ambiguidade/polissemia como materialidades para nossa análise. Ressalte-se, ademais, que metáfora e polissemia estabelecem entre si uma relação de proximidade, uma vez que a metáfora transforma o significado literal e, muitas vezes, de uma sentença anômala, algum tipo de significado (Cançado, 2008), possibilitando a polissemia de termos ou expressões.

Começamos, então, pela metáfora, que é amplamente utilizada tanto na linguagem poética quanto nos usos do cotidiano, inclusive em textos jornalísticos, sendo muitas vezes destacada na fala das pessoas mas passa despercebida como um fenômeno gramaticalmente aceito nas construções de sentido literal. Todavia, essas construções trabalham com as palavras em seu sentido figurativo. Nesse sentido, “as metáforas são entendidas, geralmente, como uma comparação que envolve identificação de semelhanças e transferência dessas semelhanças de um conceito para o outro” (Cançado, 2008, p. 22).

A autora traz exemplos, a saber: Ele atacou todos os pontos fracos da minha proposta. O que acontece nesse exemplo de metáfora é a transferência de um conceito para outro; isso quer dizer que o rapaz não brigou ou bateu fisicamente, ele apenas achou pontos fracos na proposta e falou sobre. Como se pode ver, falou mal, ou melhor dizendo, ofendeu a proposta do colega.

Temos metáfora toda vez que, indo além da simples apresentação de propriedades comuns, pensamos uma realidade nos termos de outra (Ilari, 2006, p. 109). Segundo

o autor, a metáfora é um dos processos mais importantes que nos levam a trabalhar as semelhanças. Além disso, ela é uma poderosa fonte de novos conhecimentos. Este autor também traz exemplos que dizem respeito à metáfora, por exemplo: José é um palito. Aqui, o autor não quer dizer que José serve para palitar os dentes e, sim, que José é magro. Desse ponto explicitado, percebemos a polissemia, isto é, os significados que o sintagma “palito” pode tomar.

Henriques (2011), ao falar de metáfora, diz que “ela acontece quando se dá uma transferência de denominação entre dois significantes” (Henriques, 2011, p. 64). Nesse sentido, podemos dizer que a metáfora é usada somente quando se quer produzir alguns efeitos de sentido. Vejamos o seguinte exemplo: Luiz é um gato - ele não é necessariamente um animal ou bicho de estimação. A palavra gato subentende a beleza, ou seja, Luís é bonito.

Marcos Bagno (2012) afirma que:

As metáforas estão presentes em qualquer trecho de língua falada ou escrita, mesmo a mais corriqueira, mesmo que trate do assunto mais árido e menos poético. Abrindo um jornal ou revista ao acaso, as metáforas pululam diante de nós, ou melhor, diante do especialista, porque as metáforas – justamente pelo processo de gramaticalização - se cristalizam de tal maneira que se tornam elementos banais, que não despertam atenção de ninguém (Bagno, 2012, p. 172).

Já a ambiguidade, considerada um problema relacionado à polissemia que um signo pode tomar em determinada sentença, “[...] é um fenômeno semântico que aparece quando uma simples palavra ou um grupo de palavras é associado a mais de um significado” (Cançado, 2008, p. 62). Além disso, a ambiguidade está subdividida em alguns tipos, tais como: ambiguidade lexical, ambiguidade sintática, ambiguidade semântica e ambi-

guidade de escopo. Por ser uma propriedade que possibilita a construção de significados em vários níveis semânticos, gerando assim duas ou mais interpretações, esta, como afirma Cançado, (2008, p. 62) “[...] pode ser gerada por vários fenômenos da língua, ou até mesmo de seu uso”.

Um dos exemplos de ambiguidade utilizado pela presente autora é: “eu não posso falar de chocolate”. Aqui, esta sentença é ambígua, visto que, a pessoa não pode ouvir falar de chocolate porque detesta, não gosta, ou pelo fato de amar chocolate a ponto de não poder ouvir nem falar o nome, uma vez que já fica com vontade de comer. Desse ponto, podemos compreender por que não podemos confundir ambiguidade com polissemia, visto que, se a ambiguidade representa uma associação semântica a mais de um significado, causando a problemática da significação, a polissemia pode ser entendida como “os possíveis sentidos de uma palavra ambígua” (Cançado, 2008, p. 105) que estabelece relação entre si. Portanto, se a ambiguidade, mais especificamente entendida em nossa análise como um problema estrutural da sentença do conto, “é um conceito operacional da Semântica responsável por apresentar marcas de plurissignificação” (Soares, 2018, p. 67, *itálico nosso*), esta, a polissemia, “é uma característica das línguas naturais advinda de sua produtividade”

Ilari e Gerdali (2006) tratam da ambiguidade como “admitir interpretações”. Assim, os autores trazem vários exemplos que dizem respeito à ambiguidade. A seguir, um deles: O cadáver foi encontrado perto do banco. Aqui, a raiz da ambiguidade é, evidentemente, a palavra banco, cuja pronúncia (e escrita) corresponde a dois sentidos completamente independentes. Banco - estabelecimento bancário e banco - assento para mais de uma pessoa (Gerdali e Ilari, 2006, p. 57). Nesse exemplo o sintagma banco é polissêmico por apontar para dois referentes distintos

(estabelecimento financeiro e assento) e a ambiguidade poderia ser resolvida pela adição de um sintagma assessorio com função de especificação, tais como: “banco financeiro” ou “banco de madeira” ou “banco de sentar”.

Henriques (2011) diz que a ambiguidade é “[...] enunciado com duplo sentido em um significante (LEXICAL), um sintagma (GRAMATICAL) ou na totalidade do próprio enunciado (FRASAL)” (Henriques, 2011, p. 87). Na ambiguidade ocorre sempre uma plurissignificação, ou seja, uma sentença apresentar mais de uma interpretação. Vale ressaltar que, quanto mais interpretações, mais rica a sentença se torna. Por esse motivo, a polissemia não é o problema semântico que se estabelece em uma sentença ambígua por sua sintaxe, mas a possibilidade de sentidos nessa sentença. Portanto, concordamos com Soares (2018, p. 63) ao afirmar que “a produtividade das línguas naturais é a propriedade que explica o caráter flexível na criação de palavras e sentenças, uma vez que, a partir dos itens lexicais e das maneiras como estão dispostos, derivamos o significado das unidades complexas”.

Feitas as devidas considerações acerca dos conceitos, dos distanciamentos e das aproximações entre as propriedades semânticas, é relevante ressaltar que o gênero textual conto foi considerado neste trabalho, por ser uma narrativa curta, com poucos personagens, facilitando assim o manejo e a seleção das sentenças. Sobre o conceito desse gênero textual, Nádia Battella Gotlib (1990), ratifica que:

O conto, no entanto, não se refere só ao acontecido. Não tem compromisso com o evento real. Nele, realidade e ficção não têm limites precisos. Um relato, copia-se; um conto, inventa-se, afirma Raúl Castagnino. A esta altura, não importa averiguar se há verdade ou falsidade: o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. Há, naturalmente,



graus de proximidade ou afastamento do real. Há textos que têm intenção de registrar com mais fidelidade a realidade nossa (Gotlib, 1990, p. 12).

A autora ainda diz que o conto é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas em função da conquista do efeito único ou impressão total. Em seu livro, ela afirma que o conto conserva algumas características, ou seja, preserva características já bem antigas: a economia do estilo e a situação e a proposição temática resumidas.

Convém salientar, no entanto, que no conto de terror e no conto policial o efeito singular tem uma especial importância, uma vez que surge dos recursos de expectativa crescente por parte do leitor ou da técnica do suspense perante um enigma, que é alimentado no desenvolvimento do conto até o seu desfecho final (Gotlib, 1990, p. 12).

E, é isso que acontece no conto *O Retrato Oval* de Edgar Allan Poe: o leitor cria uma expectativa sobre o que vai acontecer no decorrer do conto, e autor conduz o enredo de modo a gerar suspense no leitor. No decorrer da história, o leitor vai ficando preso e interessado sobre o que vai acontecer adiante na história. Logo, podemos trazer o que a autora diz sobre o suspense: que este alimenta a curiosidade do narrador [...] (Gotlib, 1990, p. 38). Feitas as devidas explicações acerca das propriedades semânticas e da motivação que nos levou a escolher nosso corpus, passamos à análise.

## **Análises das propriedades semânticas no conto “o retrato oval”**

Como já mencionamos, a metáfora é bastante utilizada no dia a dia e pode ser entendida como uma comparação, como diz Cançado podemos estar falando de uma rea-

lidade, mas pensando em outra. Esta, porém, pode nos dar diferentes significações. Além disso, [...] as metáforas são consideradas estruturas conceituais que fazem parte da nossa linguagem ordinária (Cançado, 2008, p. 99).

Evanildo Bechara (2009) considera a metáfora como uma das causas que motiva a mudança do significado das palavras, o autor ainda diz que ela, é a translação de significado motivada pelo emprego em solidariedade, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes, mas pela combinação são percebidos também como assimilados. (Bechara, 2009, p. 397)

[...] a metáfora opera por meio da comparação implícita, obtida pelo uso de um termo para designar outro, sempre na passagem do concreto para o abstrato (Bagno, 2012, p. 492). Dessa maneira, para demonstrar o uso da Metáfora, separamos as sentenças (1):

O castelo que meu criado resolvera arruinar a fim de evitar que eu, gravemente ferido como estava, passasse a noite ao relento [...] (Poe, 1842, p.1).

Talvez o delírio que me acometera, talvez tivesse sido a verdadeira causa do meu profundo interesse por essas pinturas. (Poe, 1842, p.1).

Passei um longo espaço de tempo lendo [...] (Poe, 1842, p.1).

[...]estender o braço e ajeitar a luz de modo a iluminar melhor as páginas do livro. (Poe, 1842, p.1).

[...] para me certificar de que meus olhos afinal não me haviam enganado [...] (Poe, 1842, p.1).

[...] tivesse-me feito confundir a imagem ali representada com a cabeça de uma mulher de carne e osso. (Poe, 1842, p.2).

Passei talvez uma hora inteira a refletir sobre essas questões [...] (Poe, 1842, p.2).

[...] já tendo a arte por sua amada. (Poe, 1842, p.2).

[...] travessa como uma gazela nova [...] (Poe, 1842, p.2).

[...]o espírito da jovem reacendeu-se ainda uma vez, tal qual chama de uma vela a crepitar por um instante. (Poe, 1842, p.2).

Entretanto isto é a própria vida! (Poe, 1842, p.2).

Para afirmar que as sentenças em (1) são metáforas, verifica-se que, a exemplo, de (1a) o uso da expressão “passasse a noite ao relento” produz o significado de que passou a noite ao ar livre, sem acomodação de uma casa ou outro local que o sujeito utilizava para o descanso. Visto que a palavra “relento”, no sentido literal traz os significados de sem teto, exposto à umidade da noite, parte-se assim para a produção ou construção de uma nova significação.

E na segunda sentença (1b), verifica-se o uso da expressão “Talvez o delírio que me acometera”, produz o significado de excesso, de entusiasmo e exaltação pelas pinturas terem despertado em si um profundo interesse, acarretando uma nova significação.

Na terceira sentença (1c), “Passei um longo espaço de tempo lendo [...]” produz o significado de um longo espaço de tempo, dar a entender como sendo um período muito longo e o espaço sendo uma espécie de intervalo de tempo. Sabe-se que o tempo é algo passageiro, e esta frase fica ambígua, uma vez que ele chegou e ficou bastante tempo lendo. Será? No início do conto o autor está gravemente ferido, e precisava descansar. Pode-se questionar se ele teve todo esse longo espaço de tempo, como ele diz. O autor fez

uso de uma metáfora para dizer que ficou muito tempo ali lendo.

A quarta sentença (1d) “[...]estender o braço e ajeitar a luz” de modo a iluminar melhor as páginas do livro. Essa expressão irá produzir o significado de esticar, geralmente, uma parte do corpo, neste caso esticar o braço, para assim conseguir arrumar a luz no intuito do candelabro iluminar melhor as páginas do livro, resultando assim em uma nova significação da palavra estender.

A quinta sentença (1e) “[...] para me certificar de que meus olhos afinal não me haviam enganado [...]” o verbo enganar significa mentir ou persuadir alguém. Esta chega até ser uma sentença um tanto engraçada, visto que os olhos servem para enxergar, não sendo normal eles enganarem alguém. Está claro que o autor fez uso de uma metáfora para dizer que viu o quadro claramente e que seus olhos não o enganaram.

A sexta sentença (1f) “[...] tivesse-me feito confundir a imagem ali representada com a cabeça de uma mulher de carne e osso”, há uma metáfora visto que ele comparou o quadro da moça com uma mulher de carne e osso. Talvez o motivo de tamanha comparação seja pelo fato de o quadro ser um tão real, que faz com que ele confunda ou pense e, até imagine, que aquele quadro seria realmente uma mulher.

A sétima sentença (1g) “Passei talvez uma hora inteira a refletir sobre essas questões [...]”, é parecida com a anterior. Trata-se de questões referentes ao tempo. É impossível uma pessoa passar uma hora inteira pensando somente um único assunto. O autor usou uma metáfora para afirmar que ficou bastante tempo pensando na imortal beleza do quadro.

A oitava sentença (1h) “[...] já tendo a arte por sua amada” utiliza a palavra “amada”, que, conforme o dicionário, é um substantivo feminino, ou seja, aquela a quem se ama; esposa, namorada ou amante; vai estar também

como adjetivo, que se ama muito, por quem se tem muito afeto, carinho e amor. Desta forma, a metáfora está nítida, visto que o autor usa a palavra amada para falar da obra do pintor, resultando assim outro significado. O autor não quis dizer que a obra era esposa ou namorada do pintor, simplesmente usou de metáfora para tratar da arte do pintor, uma vez que o mesmo tinha um afeto pela arte, e por isso esta foi considerada sua amada.

A nona sentença (1i) “[...] travessa como uma gazela nova [...]”, temos a moça como uma gazela. O que seria esta palavra? A gazela é um animal, mamífero, de pernas longas e com chifres, de temperamento nervoso e assustado. Todavia, quando se chama uma mulher de gazela o significado é totalmente diferente - seria uma mulher nova, elegante e formosa, etc.

Nota-se que, aqui, o autor usou uma metáfora para dar qualidades à, moça mais de uma forma bem diferente. Nesta mesma frase podemos dizer, também, que se trata de uma comparação. Afirmamos, então, que a metáfora e a comparação andam juntas, uma vez que elas empregam palavras por analogia. Todavia, “[...] a metáfora não resulta - como tradicionalmente se diz - de uma comparação abreviada; ao contrário, a comparação é que é uma metáfora explicitada” (Bechara, 2009, p. 398).

A décima sentença (1j) “[...]o espírito da jovem reacendeu-se ainda uma vez, tal qual chama de uma vela a crepitar por um instante”, tem-se o uso da expressão ‘o espírito da jovem reacendeu-se ainda uma vez’ que irá produzir o significado da jovem voltar a respirar mais uma vez, formando assim uma nova significação. A sentença acima também traz uma comparação - ‘tal qual chama de uma vela que crepitar’. O espírito da jovem reacendeu como uma vela que crepita ou estala.

E por fim, temos a última sentença (1k) “Entretanto isto é a própria vida!”, aqui em

jogo a metáfora, que parte indefectivelmente do sentido concreto na direção do abstrato (Bagno, 2012, p. 532). Quase acabando o conto, o autor traz esse trecho acima, dando característica a um quadro dizendo que ele é a própria vida, ou melhor, dando vida a um ser inanimado. Entretanto o que realmente é a vida? A vida é algo belo, algo maravilhoso que ninguém quer viver sem, e ninguém quer perder. É isso que o autor quis dizer ao comparar o quadro com a vida, usando, para isso, uma metáfora.

Diante da utilização do conceito de metáfora, identificou-se o uso da ambiguidade/polissemia. A ambiguidade, como dito no início deste trabalho, é entendida como um problema no campo interpretativo por uma sentença cuja construção admite a atribuição de mais de um sentido. Sendo assim, separamos as seguintes sentenças (2):

A decoração era rica [...] (Poe, 1842, p.1).

Ao que tudo indicava, o edifício fora abandonado há pouco e de modo temporário (Poe, 1842, p.1).

[...] os raios de luz foram bater justamente num dos nichos do quarto [...] (Poe, 1842, p.1).

[...] passei a examinar avidamente o livro que tratava dessas pinturas e de seu histórico (Poe, 1842, p.2)

E recusava - se a perceber que as cores que ia espalhando por sobre a tela [...] (Poe, 1842, p.2)

Para afirmar que a sentença (2a) é ambígua temos a palavra “rica”. E qual o significado desta palavra? Pessoa com riquezas ou coisa que agrada (algo admirável). Temos nesta sentença, a plurissignificação (Soares, 2018), ou seja, a polissemia trabalhando no



sintagma “rica”, uma vez que, na frase, ela tem dois sentidos diferentes, apontando para duas referencialidades no mundo. Quando pensamos na palavra rica, imaginamos, no mundo, uma pessoa endinheirada. Mas pensando a circunstância do conto e não a mencionada abstração do mundo, não vemos essa sentença como ambígua, mas como um processo metafórico mais amplo que parte da intencionalidade e da escolha lexical do autor. Na frase, “a decoração era bonita”, uma decoração que chamava atenção por ser bela, algo a se admirar. Desta forma, podemos dizer também que essas palavras são homônimas, uma vez que a palavra e os seus sentidos não estão diretamente relacionados.

Temos também a sentença (2b) “Ao que tudo indicava, o edifício fora abandonado há pouco e de modo temporário”. Podemos afirmar que esta sentença é polissêmica se considerarmos a intencionalidade do autor na escolha lexical, mas ambígua sem sua circunstancialidade, visto que apresenta dois significados que apontam para referencialidades distintas. Tem-se que o uso da expressão “edifício fora abandonado”, produz o significado de que o edifício foi deixado por seus inquilinos e está ao abandono. Entretanto com a palavra “temporário” podemos dizer que os inquilinos não estão ocupando o edifício no momento, visto que o termo “temporário” quer dizer provisório, passageiro momentâneo - os antigos donos ainda irão voltar, mas, no momento, o edifício está em condições habitáveis. Se levarmos também em conta a sequência cronológica da narrativa, notaremos que a ambiguidade desaparece por causa de uma série de construções anafóricas e metafóricas que o autor, intencionalmente, vai produzindo. Nesse caso, o sintagma “edifício” é uma anáfora do sintagma “construções portentosas” que, por sua vez remete ao sintagma “castelo”. Logo, a ambiguidade, nessas construções, só se apresenta se a sentença for desvinculada

desses elementos anafóricos que indicam um estabelecimento abandonado.

A sentença (2c) “[...] os raios de luz foram bater justamente num dos nichos do quarto [...]” é polissêmica, uma vez que a palavra “bater” traz outro significado, qual seja, aplicar pancadas ou golpes. Todavia, não é isso que o autor quer dizer. Compreendendo como um processamento metafórico, não há ambiguidade por se tratar de um referente material sutil, a saber, a luz. Esta é personificada como alguém que bate, desfere um golpe em algo. Dessa maneira, ao estender dos braços para ajeitar a luz no candelabro, os raios de luz refletiram em um dos nichos. Nesse sentido, a frase apresenta duas significações, no entanto não pode ser considerada ambígua, por haver intenções de produção metafórica.

A quarta sentença (2d) “[...] passei a examinar avidamente o livro que tratava dessas pinturas e de seu histórico”, a palavra “examinar” significa efetuar observação ou investigação minuciosa; submeter a exame, a teste. O termo examinar possui dois significados, a depender da referencialidade do sintagma “examinar”, podendo pensar em alguém sendo examinado, ou melhor, em examinar alguém. No entanto, o autor delimita a plurissignificação (Soares, 2018) por não se tratar do campo da saúde, mas da esfera da investigação epistemológica, visto que o personagem vai consultar o livro. Quando ele diz a palavra “examinar”, está querendo dizer que observou o livro com mais atenção e investigou minuciosamente os detalhes que ali estavam.

E por fim, a última sentença (2e), “E recusava – se a perceber que as cores que ia espalhando por sobre a tela [...]”. Esta é uma sentença com ambiguidade de escopo, uma vez que a interpretação é distributiva. A frase acima está com dois sentidos - não se sabe se quem estava espalhando-as cores era o próprio pintor, ou as cores que estavam se espalhando. Todavia, o conceito de

referencialidade, novamente, ajuda-nos a depreender, logicamente, que o pintor é quem espalha a tinta por sobre a pintura, uma vez que a tinta não se apresenta como um personagem animada ou é um elemento fantástico e vívido no conto em análise. Outra lógica referencial que nos permite dissipar a ambiguidade de escopo é a relação estabelecida entre pintor, cores e pintura. No mundo, o pintor é responsável pela produção artística, não as tintas com suas cores.

Dessas considerações, ponderamos acerca do funcionamento de uma sentença enquanto estruturação ambígua, quando não se tem propriedades as quais estabelecem uma relação referencial e enquanto processamento metafórico proveniente de uma dinâmica de deslocamento de sentido normal das línguas naturais (Soares, 2018).

## Considerações finais

Este estudo centrou-se na análise de propriedades semânticas no conto **O Retrato Oval**, de Edgar Allan Poe, com especial atenção às categorias de metáfora, ambiguidade/polissemia e referencialidade. A partir da sentença como unidade básica de análise, buscou-se compreender como tais elementos operam na construção de significados e na constituição estilística da obra, revelando a complexa tessitura linguística que sustenta a narrativa.

As análises revelaram que a referencialidade desempenha um papel estruturante no texto, funcionando como um eixo interpretativo capaz de organizar e, em certos momentos, dissipar ambiguidades advindas da polissemia lexical e da ambiguidade sintática. Observamos que a tensão psicológica entre razão e loucura, marca recorrente nas personagens de Poe, manifesta-se linguisticamente por meio de recursos específicos. Entre eles, destacam-se a polissemia lexical,

que refrata estados mentais contraditórios; as metáforas, que transfiguram elementos pictóricos em projeções do psiquismo; e construções sintáticas ambíguas, cuidadosamente posicionadas para intensificar a oscilação interpretativa.

Constatamos que a referencialidade, longe de ser um mecanismo meramente denotativo, articula-se à dinâmica do comportamento humano e atua como ponto de ancoragem para o leitor, permitindo-lhe distinguir entre ambiguidades acidentais e intencionalidades autorais. Essa perspectiva interpretativa possibilita decodificar os efeitos de sentido decorrentes da interação texto-contexto, além de tornar visível como as escolhas vocabulares em **O Retrato Oval** refratam relações simbólicas de dominação, como no caso da materialidade do retrato, que funciona como metáfora da posse e do apagamento da subjetividade feminina.

As modificações implementadas ao longo do trabalho visaram a consolidar um foco temático unificado e metodologicamente preciso. Foram suprimidas digressões que extrapolavam o escopo proposto — como menções à didática e à sociologia — por carecerem de fundamentação adequada. A análise concentra-se, portanto, exclusivamente nos aspectos linguístico-semânticos, campo em que o estudo apresenta maior solidez.

Além disso, evitou-se generalizações inundadas, reforçando-se a justificativa metodológica do artigo e esclarecendo-se a operação dos mecanismos semânticos observados, como a referencialidade na contenção da ambiguidade. Tais medidas resultaram em um texto mais coeso, robusto e coerente com seus objetivos declarados.

Portanto, concluímos que as estratégias de Poe, e, em certa medida, de seus tradutores brasileiros, operam sobre a tensão entre a precisão referencial e a instabilidade semântica, o que constitui uma marca distintiva de

sua escrita. Essa tensão, longe de fragilizar o texto, constitui sua força expressiva, permitindo à linguagem mobilizar múltiplos sentidos e afetos. Assim, a leitura semântica aqui desenvolvida, não apenas lança luz sobre aspectos estruturais da obra, como também contribui para a compreensão da complexi-

dade estilística de Poe. Fica aberta, portanto, a possibilidade de futuros desdobramentos que, alicerçados teoricamente, possam explorar dimensões didáticas ou sociopolíticas da linguagem literária, mas sempre a partir da consistência analítica que este trabalho procurou estabelecer.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A.; ARIADNE D. Um breve panorama dos estudos semânticos. **GESCOG, Grupo de Estudo em Semântica Cognitiva**, 2014. Disponível em: <https://letras.ufba.br/gescog-grupo-de-estudos-em-semantica-cognicao-e-ecologia>. Acesso em: 8 maio 2025.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. 1. ed.. São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Nova Fronteira, 2009.
- BELLIN, G. Edgar Allan Poe e o surgimento do conto enquanto gênero de ficção. **Anuário de literatura**, 16(2), 41–53. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2011v16n2p41>. Acesso em 8 maio 2025.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- GOTLIB, N. B. **A teoria do conto**. USP, 1990. Disponível em: Acesso em 8 maio 2025.
- HENRIQUES, C. C. **Léxico e semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação**. Elsevier, 2011.
- ILARI, R. **Introdução à semântica – brincando com a gramática**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ILARI, R; GERALDI, J. W. **Semântica**. 10. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- ILARI, R.; GERALDI, W. **Semântica**. 11.ed. São Paulo: Ática, 2006.
- MAIA, V. R. M. Relações entre terror, horror e a apreciação estética em Edgar Allan Poe: o caso de “O retrato oval”. **Revista Filosofia Capital**, v.15, n. 22, p. 60-64. 2020. Disponível em: <https://www.filosofiacapital.org/index.php/filosofiacapital/article/view/435>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- LOSANO, C. C. B. **JETZTZEIT: A aura da obra dinâmica a partir dos retratos de Poe e Wilde**. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2013. .
- OLIVEIRA, L. A. **Manual de semântica**. São Paulo: Vozes, 2008.
- PEREIRA, M. L. A.; Rodrigues, R. R. Um retrato tradutório de “O retrato oval”. **Soletras**. n. 24 2012: Leituras intersemióticas. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/5037>. Acesso em: 30 abr. 2024.
- POE, E. A. O retrato oval. *In: Contos Universais*. 9. ed. Ática, 2009.
- RAMOS, T. R. **Edgar Allan Poe**. 2006. Disponível em: <https://www.infoescola.com/escritores/edgar-allan-poe/>. Acesso em: 24 mar. 2023.
- RECTOR, M.; Yunes. E. **Manual de Semântica**. Ao livro técnico, 1980.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. Cultrix, 2012.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. Cortez, 2007.

SOARES, T. B. **Percorso Linguístico**: conceitos, críticas e apontamentos. Pontes Editores, 2018.

SOARES, T. B. **Concisa apresentação da linguística**: um panorama da gramática comparada à pragmática. Pimenta Cultural, 2020.